

Director: MANUEL DA SILVA CAMPE  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL  
DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluído o Suplemento semanal,  
Lisboa, 950; Provença, 500; 2.ª e 3.ª  
Agrupamento, 600; 4.ª e 5.ª, 700; Estrangeiro,  
600 (1.ª e 2.ª).

# A BATALHA

Redacção, Administração e Imprensa  
CALÇADA DO COMERO, 36-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 5339 CENTRAL  
Cedência de Impressão e Estabilização  
RUA DA ATALAIA, 114 e 115  
Este jornal não se publica às segundas-fei-  
ras.—Não se devolvem os originais.—Dois an-  
os publicados são responsáveis os seus autores

QUARTA-FEIRA, 14 DE JANEIRO DE 1925 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VI — N.º 1353

## O que receiam as "forças vivas"

As reclamações que a União dos Sindicatos Operários entregou ao go-  
verno não agradaram ao dr. sr. Trin-  
dade Coelho que, no *Século*, em  
nome das forças vivas, tentou redu-  
zi-las a pó.

Sobre a primeira conclusão do  
parecer da U. S. O. cai o articulista  
a fundo, afirmando que os patrões,  
como os operários, também desejam  
a reabertura de todas as fábricas e  
oficinas. Mas, coitadinhos, não o  
podem fazer porque os Bancos não  
lhes dão crédito. Depois queixa-se  
dos operários porque eles não se  
preocupam com a situação dos pa-  
trões.

Não sabemos se o sr. Trindade  
Coelho deseja que a União dos Sin-  
dicatos Operários, condôida, comi-  
dada com a má sorte dos patrões, vá  
pedir ao Estado para estes a sua pro-  
tecção e aos Bancos a abertura de  
créditos providenciais. Não sabemos  
se serão esses os desejos do direc-  
tor do jornal das forças-vivas. Mas é  
natural que sejam, e se o são real-  
mente, limitamo-nos a perguntar  
quando se preocuparam os patrões  
com os sofrimentos dos operários.  
Eles pagam miseravelmente o tra-  
balho de escravo que os operários  
lhes dão; reduzem os salários sem  
pensar nos transtornos que essa re-  
solução cruel causa nos lares pobres;  
empregam nas suas fábricas crianças  
debeis, obrigam-nas a exercer miste-  
res superiores às suas forças, arras-  
tam-nas ao fundo das minas onde se  
tuberculizam—obrigam, enfim, todo  
o proletariado a levar uma vida ne-  
gra de escravidão e de miséria, en-  
quanto eles vão amontoando o di-  
nheiro nos seus cofres e gozando os  
frutos da sua situação privilegiada.

É era então por esse patronato  
cruel, abominável, que o sr. Trin-  
dade Coelho queria que a U. S. O. fôsse  
pedir, quando esse mesmo patronato  
está, na sua maioria, por capri-  
cho, por negócio, despedindo ope-  
rários com a maior indiferença, ar-  
remessando-os para o sofrimento e  
para a miséria? Não, sr. Trindade  
Coelho, a União dos Sindicatos Ope-  
rários preocupa-se apenas com a  
situação do povo trabalhador.

Queremos a abertura das fábricas  
e oficinas, queremos trabalho fecun-  
do; queremos que os governos que  
tanta vez têm empregado a força  
contra os operários e a favor dos  
patrões, usem agora dessa força con-  
tra os industriais que, mais por es-  
peculação do que por falta de crédi-  
to, mantêm as fábricas e as ofici-  
nas fechadas, com prejuizo dos ope-  
rários e da colectividade.

Quanto à segunda conclusão do  
parecer, consequência da primeira,  
que reza "que no caso de resistên-  
cia patronal, o governo force a rea-  
bertura das fábricas e oficinas encer-  
radas, entregando a gestão das in-  
dústrias aos técnicos e operários", o  
sr. Trindade Coelho classifica-a de  
criminosa, nem podia deixar de ser.

E' crime entregar as fábricas e os  
instrumentos de trabalho a quem  
produz? E' crime que o engenheiro,  
o contra-mestre e os operários, cada  
um dentro do seu "metier", numa  
harmonia perfeita ponham as fábri-  
cas a laborar, combinem entre si as  
horas de trabalho, produzam para a  
colectividade?

Se isto é crime que nome have-  
mos de dar à atitude repugnante do  
industrial que tem a fábrica e a pa-  
raliza, do lavrador que possui a ter-  
ra e não a cultiva, obrigando os  
proletários a viver na miséria e na  
ociosidade forçada, causando trans-  
tornos ao país, à colectividade?

Vem o sr. Trindade Coelho com  
a estafada ária de que o patrão é a  
competência, é o mestre, é o técni-  
co supremo. E' o técnico, como?  
Andando a passear pelo estrangei-  
ro, a gozar pelos clubes, ou entre-  
gando-se a uma ociosidade imoral,  
enquanto na fábrica, na mina, no  
campo os assalariados, desde o en-  
genheiro ao servente, desde o ge-  
rente ao continuo do escritório, tra-  
balham quanto podem e produzem  
a riqueza, cujos frutos só esse pa-  
trão ignorante do que possui goza  
livremente? E' este o técnico? Não,  
sr. Trindade, não é o técnico—é o  
parasita. E a maioria dos industriais,  
dos lavradores e até dos comercian-  
tes são, como esse técnico, simples  
parasitas.

Mas admitindo a existência de al-  
guns patrões que são entendedores,  
que os há em reduzido número, es-  
ses verdadeiramente competentes te-  
riam o seu lugar marcado como pro-  
fissionais. Mas se, como profissio-  
nais, nós temos por eles toda a con-

## BARBARISMO

### Um pobre preto mar- tizado pela patrão

Um rapaz de 15 anos queimado com  
água a ferver e com um ferro em brasa

Hortense Carvalho Magalhães regres-  
sou de Moçambique há cerca de sete me-  
ses, trazendo consigo um criado preto, dos  
seus 14 a 15 anos, de nome Anice.

Em África, o rapazito era bem tratado  
pelo marido da tal D. Hortense, o sr. Julio  
Magalhães, que não permitia que lhe ba-  
tessem. Em Lisboa, porém, a dona Horten-  
se, longe das vistas do marido, sentindo-se  
à vontade, deu em maltratar o pobre rapa-  
z que não tinha nesta cidade quem o  
protegesse.

Começou então para o pequeno uma  
vida de verdadeiro martírio. A tal D. Horten-  
se caprichava não só em obrigar o rapa-  
z a trabalhar à sobreposse, como o obri-  
gava a passar fome.

De manhã o rapaz via que a patrão al-  
moçava, ele, porém, fazia cruces na boca.  
Trabalhava durante todo o dia e só à noite  
lhe dava de comer.

Uma vez obrigou-o a levantar-se para ir  
lavar a escada, as quatro horas da manhã,  
às escuras. A comida que lhe dava quasi  
todos os dias—era panada.

Não se contentava, porém, a sová-lo nos  
momentos de cólera, chegava a martizá-lo  
por simples capricho, por requinte de cru-  
eldade. Um dia, estando a frizar o cabelo, a  
brincar queimou com o ferro em brasa o  
rosto do criado. Vimos-lhe o sinal da quei-  
madura.

Vários ferimentos apresenta o pequeno  
Anice, pelo corpo. São os sinais dos maus  
tratos.

Tem no pescoço, um pouco abaixo da  
nuca, um grande sinal dum ferida mal cu-  
rada. Foi a D. Hortense que, propositada-  
mente, lhe entornou uma cafeteira de água  
a ferver sobre o corpo—para experimentar  
se estava bem quente.

Mostrou-nos o pobre rapaz uma grande  
ferida no braço direito; é ainda uma prova  
do bom coração da D. Hortense: queimou-o  
com o vidro dum candieiro.

Estas e outras, forçaram o rapazito a fu-  
gir de casa, tendo tido a felicidade de en-  
contrar um operário que o admitiu em sua  
casa e já o levou à autoridade, não só para  
a patrão ser responsabilizada pelos actos  
barbáricos como para repatriar o rapaz, por-  
que a tal obriga o seu contrato de trabalho.

Interrogado o pobre pretinho respondeu  
que não queria voltar para casa da patrão,  
mas sim regressar a Moçambique onde tem  
família. Espera-se que as autoridades for-  
cem a tal D. Hortense, que mora na rua do  
Mastro, 10, 1.ª, a pagar ao rapazito a passa-  
gem de regresso para a sua terra.

São capazes de dizer que os pretos é que  
são os bárbaros...

## CARTA DO PORTO

### O escândalo da igreja dos Congregados

Os cléricos fazem grandes esforços para  
que o público não conheça os feitos  
dum padre, corruptor de menores

Lavra uma grande desolação entre o cle-  
ricismo desta cidade. Se tivesse desabado  
a torre da Catedral ou explodido um pe-  
tardo no santo palácio do bispo da diocese,  
certamente a emoção, nas hostes negras do  
sotainismo, não seria tam grande...

A verdade... que a Verdade descobriu  
naquela scena repugnante que o prior dos  
Congregados praticou na sua sacristia foi  
um verdadeiro raio que lhes caiu no al-  
tar... da consciência perturbada.

Aquele mistério revelado assim tam à  
pudricia, foi de um efeito desastroso para  
a credencia religiosa: foi de um poder mais  
iconoclasta do que quantos escritos e dis-  
cursos anti-clericales se pudessem fazer neste  
momento...

O derradeiro e desesperado "truc"  
dos padres...

A sensação que a descoberta do crime da  
igreja dos Congregados causou entre o povo  
portuense, não passou despercebida nas al-  
tas esferas da direcção eclesiástica. Trema-  
ram os superiores hierárquicos da diocese;  
rangeram os dentes de desespero; profiri-  
ram, no bestunho entenebrecido da sua ro-  
nha, um miraculoso meio de atenuar o es-  
cândalo, de diminuir o descrédito, de abran-  
dar o cheque em que tombou a piedosa  
classe dos tonsurados...

Não encontraram, porém, outro remé-  
dio senão este: inutilizaram, tanto quanto pu-  
dessem, os exemplares de *A Verdade*.

Como? Mandando-os comprar em todos  
os locais de venda, sem se olhar ao preço.  
Foi a determinação que as autoridades ecle-  
siásticas adoptaram—chegando-se, destarte,  
a comprarem-se Verdades por \$50...

Concededora desta atitude clerical, que  
assim procura encobrir o nojento caso para  
que se salve a honra do convento— a em-  
presa daquela publicação mandou tirar nova  
edição, que o público lê e comenta indi-  
gno.

E' natural a padralhada de todas as ca-  
tegorias está fúla com esta propaganda da-  
nada do atentado ao pudor de petizes feito  
pelos prior dos Congregados... Que diabo!  
São fraquezas humanas, as quais, certamen-  
te, haverá, lá pelas casas de Deus, em muito  
maior número do que se supõe...

Estes são os juizos que o público tem  
feito ao apreciar a patifaria... sacerdotal...

Mas continuem a mandar os meninos e  
as meninas para os padres, que eles edu-  
cam-nos muito bem...

Porto, 13 de Janeiro.

C. V. S.

## O INQUÉRITO DE "A BATALHA"

### O Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa trata da crise das habitações e das construções sem garantias de solidez

Insistimos com os sindicatos que ainda  
não fizeram as suas comunicações, a respon-  
derem, com a maior urgência, ao nosso in-  
quérito. Os dias vão passando e com eles  
se vai a oportunidade do nosso inquérito.  
As respostas tem importância desde que  
não falem a uma oportunidade a que de  
nenhum modo nos podemos furtar.

Que se não esqueçam os sindicatos que  
ainda não responderam de cumprir, nesta  
emergência, o seu dever.

Construção Civil de Lisboa

Do sindicato unico da construção civil de  
Lisboa recebemos uma resposta na qual se  
propõem as seguintes medidas:

A reclamar do Estado:

- 1.ª Que se force os proprietários das cons-  
truições que se encontram paralisadas a re-  
começá-las no mais curto espaço de tempo.
- 2.ª Que se se continuar verificando a má  
vontade dos proprietários das aludidas  
obras—no respeitante ao seu immediato acaba-  
mento, que o governo as mobilize, con-  
cluindo-as por administração directa ou in-  
directa do Estado, ou abrindo concurso pú-  
blico para a sua conclusão.
- 3.ª Que antes porém, do exposto nos nú-  
meros anteriores, se proceda a uma rigoro-  
sa vistoria às construções iniciadas e ainda  
já já construídas, devendo-se demolir as  
que não ofereçam condições de segurança e  
estejam fora da regra e técnica profissio-  
nais.
- 4.ª Acabamento immediato dos prédios em  
construção no Bairro Social do Arco do  
Cego, e recomço dos bairros de Alcantara  
e Ajuda, devendo-se ainda dar o maior  
desenvolvimento às obras do Bairro Econó-  
mico de Ajuda no qual podem ser admi-  
tidos 600 operários de todas as especiali-  
dades profissionais da construção civil.
- 5.ª Construção de pequenos edificios para  
estações telegráficas-postais.
- 6.ª Adaptação do edificio da Biblioteca  
Pública.
- 7.ª Construção de cantinas escolares.
- 8.ª Construção do Palácio de Artes e  
Officinas. Construção de um edificio para re-  
parições dos serviços de obras públicas e  
monumentos nacionais.
- 9.ª Que se proceda, se tanto for necessá-  
rio, à expropriação de terrenos por utilida-  
de pública, a fim de se construir bairros  
genuinamente operários, nos pontos mais  
populosos da cidade.
- 10.ª Construção de escolas de ensino pri-  
mário e industrial, e acabamento do liceu  
feminino.
- 11.ª Abolição immediata e durante seis  
anos do imposto de registo na primeira  
venda das propriedades, de modo a facil-  
itar a sua transacção para que outras se  
possam construir.
- 12.ª Proibição inofismavel de parede  
feita a laipal.
- 13.ª Proibição da exportação de madei-  
ras para o estrangeiro de maneira a garan-  
tir a applicação da pouca que existe, na in-  
dústria nacional.
- 14.ª Que se não permita o corte dos pi-  
nhos ainda em estado de criação, de modo  
a evitar-se a razia, a devastação florestal,  
que desde a guerra se tem observado e  
consequentemente a falta de madeiras na  
indústria da construção civil.
- 15.ª Que o governo facilite a importação  
de sementes ou árvores pequenas de  
diferentes qualidades de madeiras para  
plantio em território português, de maneira  
a evitar a falta de madeiras no país e  
contribuir-se para um maior desenvolvi-  
mento das indústrias.
- 16.ª Que enquanto se não observa a  
prática destas reclamações, que o governo  
abra trabalhos de limpeza, reparações e  
reconstruções em vários edificios públicos,  
a fim de debelar de momento a crise de  
trabalho existente entre o operariado da  
Construção Civil.

A reclamar da Câmara:

- 17.ª Cumprimento dos decretos de 24 de  
Dezembro de 1901 e 14 de Fevereiro de  
1903, e respectivos regulamentos de be-  
neficiação e saúde, de delegados e sub-de-  
legados de saúde e sanidade e edificações  
urbanas até à elaboração da lei sobre sa-  
lubridade pública.
- 18.ª Fiscalização por parte da Câmara  
no interior e exterior dos predios a fim de  
manter integra a beneficiação, limpeza e  
higiene das habitações.
- 19.ª Revogação immediata da proposta  
433 que alterou a postura n.º 11 de 1.º de  
Julho de 1921, referente a limpeza, pinturas,  
etc., nas propriedades urbanas.
- 20.ª Demolição das habitações infeccio-  
sas existentes nos bairros de Alfama e  
Mouraria, etc, por serem nocivas à saúde  
pública.
- 21.ª—Que se não proceda à demolição  
de tais propriedades, sem que se cons-  
truam habitações operárias.
- 22.ª Construção de canos de esgoto nas  
arterias da cidade onde as não possuem.
- 23.ª Construção de grandes mercados de  
peixe, hortaliças, etc., nos terrenos de Cam-  
po de Ourique e em Xabregas.
- 24.ª Construção de um maior número de  
banheiros em todos os bairros.
- 25.ª Aproveitamento de todos os terre-  
nos que pela sua natureza apenas se desti-  
nam à construção da propriedade urbana,  
assim como de todos os que ofereçam con-  
dições para "construção de casas economi-  
cas".
- 26.ª Aprovação rápida dos projectos que  
a Câmara possui nas repartições compe-  
tentes.

Téxteis de Arrentela

E' do seguinte teor a resposta do sin-  
dicato dos operários téxteis de Arrentela:

Trabalhos por conta do Estado:

- 1.ª Construção duma muralha no rio Ju-  
deu, em linha recta, desde o estaleiro até à  
Fábrica de Lanifícios, aproveitando-se para  
aterçar a parte necessária, os altos de ter-  
renos inculcos existentes na quinta do Ca-  
bral.

- 2.ª Dragagem do rio Judeu.
- 3.ª Reparação da estrada distrital desde o  
Seixal até ao Marco do Grilo, que está cau-  
sando grande transtorno aos encarregados da  
condução do peixe de Cezimbra para Lisboa.

Trabalhos por conta do Município:

- 1.ª Construção de canos de esgoto.
- 2.ª Construção dum lavadouro público na  
vinha da Ribeira.
- 3.ª Construção dum pço no mesmo lo-  
cal, que fornecerá água para o lavadouro e  
para um depósito construído no Adro en-  
canando-a de ali aos domicílios.
- 4.ª Electrificação da vila como há tempo  
se projecta.
- 5.ª Construção dum mercado de peixe.
- 6.ª Calçamento das ruas.
- 7.ª Construção dum edificio escolar para  
ambos os sexos, aproveitando para isso  
aquele casarão velho no largo da Tendeir-  
ilha e os terrenos anexos onde foi outrora  
o Jardim das Condessas de Linhares.
- 8.ª Construção dum edificio escolar no  
logar da Torre da Marinha, aproveitando  
para isso o prédio onde foi o Club Tor-  
rense.
- 9.ª Reparação na estrada principal deste  
logar que se encontra quasi destruída e  
construção de outra no sitio denominado  
Areira.
- 10.ª Construção no mesmo lugar dum  
bairro operário, nos terrenos pertencentes  
ao sr. José Gomes Padre Nosso e Virginia  
Patroni, situados ao sul da estrada distrital  
que liga este lugar com Paio Pires.
- 11.ª Transformação do lavadouro denomi-  
nado Rio do Judeu aproveitando-lhe as  
grandes condições da água corrente.
- 12.ª Construção neste lugar de duas fos-  
sas onde se vazem os dejectos, para evitar  
que as mulheres os vazem a dois metros de  
distância duma escola.
- 13.ª Por último, também a Companhia de  
Lanifícios de Arrentela podia aproveitar  
parte da sua alameda para a construção dum  
bairro operário, gastando ali parte do enor-  
me fundo de reserva que possui à custa da  
miséria dos operários.

Construção Civil de Olhão

Do Sindicato da Construção Civil de  
Olhão recebemos uma resposta, concebida  
nos seguintes termos:

Trabalhos por conta do Município:

- 1.ª Construção de 2 bairros sociais: um  
nos terrenos denominados Prainhas e ou-  
tro nos terrenos situados na estrada do  
Russo.
- 2.ª Construção de uma escola de instru-  
ção primaria para ambos os sexos, visto  
que o recreio infantil eleva-se a mil  
crianças e a escola existente só pode acom-  
modar 400.
- 3.ª Construção duma escola industrial  
que faculte aos operários a necessária cul-  
tura técnica.
- 4.ª A construção dum cemitério retirado  
da vila.
- 5.ª A construção no referido cemitério  
dum forno crematório.
- 6.ª Calçamento das ruas, da de Sa-  
cadura Cabral para cima.
- 7.ª Pintura duma forma geral aos dois  
mercados, porquanto a camara apenas se  
limita à pintura nas portas.
- 8.ª Construção dum edificio competente  
para uma creche, onde as mães deixem du-  
rante o dia as crianças, enquanto vão tra-  
balhar.
- 9.ª Pintura do edificio da camara.

Trabalhos por conta do Estado:

- 1.ª Construção dum prédio para a capi-  
tania do porto e alfândega, que se encon-  
tram em casas de aluguer mal instaladas.
- 2.ª Construção duma estação telegrá-  
fica-postal.
- 3.ª Uma instalação para o Registo Civil.
- 4.ª Proceder às necessárias reparações  
da estrada que vem de Vila-Real até Sagres,  
que se encontra intransitavel.

Trabalhos por conta de particulares:

- 1.ª Prosseguimento das obras de frente  
do novo animatografo.
- 2.ª Mandar o dr. Eduardo Aires ordenar  
a edificação de casas para aluguer nos quin-  
taes que possui desde a rua das Morra-  
ceiras à parte de traz do animatografo novo.
- 3.ª Acabamento do prédio do sr. Manuel  
Henrique situado na praça.
- 4.ª Acabamento do prédio do sr. José  
Coelho, no Largo da Caceia, que há vinte e  
tantos anos se encontra paralisado.
- 5.ª Acabamento do prédio do sr. Domí-  
ngos Baetas, situado na estrada do cemité-  
rio.
- 6.ª Obrigar o sr. Pedro José a demolir as  
casas em ruína, situadas no moimho da bar-  
reira, para edificação de casas de aluguer.
- 7.ª Acabamento do prédio do sr. Belião,  
situado na avenida.
- 8.ª Prosseguimento do prédio do sr. dr.  
Fuseta, que fica na avenida.
- 9.ª Obrigar os proprietários em geral, a  
fazer a reparação dos prédios, pois que há  
alguns que desde que foram construídos  
desconhecem o que isso seja.

## UMA INICIATIVA DA U. S. O.

### A EDUCAÇÃO DOS TRABALHADORES

O operário, suas preocupações econó-  
micas e seu conceito da estética. A  
arte através a história da civilização  
e da luta de classes

A U. S. O. acaba de meter ombros a  
uma empresa que representa uma louva-  
vel e valiosa iniciativa: elevar o nível men-  
tal do proletariado. Alcançar que a blusa  
de ganga que asfixia um animal de carga,  
possa enfaixar um homem com pensamen-  
tos, com curiosidades mentais, capaz de  
sentir a beleza, tornando-o apto a galgar  
a distância que separa um homem do ou-  
tro homem, quando entre eles se cava o  
abismo da ignorância e da animalidade.

E' uma ideia simpática, atirada precisa-  
mente num momento em que um grosseiro  
materialismo tenta desculpar o egoísmo  
das chamadas classes superiores, é uma  
ideia de um elevado espirito de nobreza, se  
tomarmos em conta que nunca, como neste  
momento, o operariado se encontrou domi-  
nado por preocupações exclusivamente  
económicas. Raras vezes, como na época  
que atravessamos, a luta pela vida exigiu  
aos trabalhadores um tam penoso esforço.

A emancipação económica é portanto a  
chave de todos os seus problemas.

A conquista do pão, absorve todas as  
suas energias. O hábito, contraído pela  
tradição de que os intelectuais o enganam,  
e continuará muito tempo ludibriando as  
suas aspirações, levantou essa barreira  
quasi irreductível entre os trabalhadores da  
oficina e os trabalhadores intelectuais.

O espectáculo deprimente dos intelectuais  
servindo de cortejões aos potentados, mu-  
lto contribue para tornar mais intranspo-  
nível esse abismo entre os trabalhadores  
manuais e os prosadores, os artistas, que  
lizeram do pensamento um instrumento de  
ofensiva hierárquica, e da arte uma gulodice  
para deleite das elites. Eis porque é simpá-  
tica a atitude da U. S. O., quando pretende  
levar o proletariado a escutar os ensina-  
mentos que o levarão a compreender e a  
sentir o ambiente da educação artística,  
simpática e difficil tarefa.

Como pode um operário ser desviado do  
curso das suas preocupações económicas,  
para aprender um arrazoado de conceitos  
abstractos sobre a arte? Em que pode a  
arte interessar um operário dominado pela  
luta crua para manter o seu lar?

Eis uma questão importante a atender, e  
que contém em si o germe de muitos tra-  
casos de tentativas de educação pela con-  
tendência. Raras vezes se tem procurado sa-  
ber se, independentemente da riqueza dum as-  
sunto, ele interessa directamente à massa  
de ouvintes sobre que se propõe influir.

Entendo que a U. S. O. deve fugir deste  
perigo, que tornaria estéril tam bela inicia-  
tiva. Cumprir estudar a forma de fazer in-  
teressar o operariado nas conferências de  
arte, e torná-las proveitosas, com um orien-  
tado plano que as encadeie harmonicamente,  
plano que corresponda às necessidades dos  
ouvintes. Por isso é indispensável, de iní-  
cio, fazer sentir ao proletariado qual o ver-  
dadeiro sentido da arte, e qual a in-  
fluência na remodelação da sua vida. Os  
trabalhadores, embrenhados tanto tempo  
na luta por um pedaço de pão, limitaram  
por tal modo os horizontes da sua vida  
moral e pensante que difficilmente podem  
aprender qualquer assunto que os não in-  
teresse dentro deste ambiente limitado de  
aspirações. Assim creio que o melhor pro-  
cesso seria começar falando de arte, atra-  
vés o prisma profissional. Noções estéticas,  
elementos de arqueologia, ideias ge-  
rais de história da civilização poderiam  
tornar-se facilmente assimiladas, desde que  
fossem aproveitadas para cada classe,  
como história das fases evolutivas da  
profissão. Aos serrallheiros falar-se-ia  
das obras magníficas da serrallheira artís-  
tica do pessoal. Aos cerâmicos, expor-se-  
lhes-ia os processos de trabalho e fabrico  
do barro, da louça, pintura artística, mo-  
tivos decorativos, faianças, teoria dos estilos.

Aos pedreiros, canteiros, todos os ope-  
rários da construção civil, através sempre  
do prisma profissional, erguer-se-ia a vasta  
obra da arquitectura do passado, processos  
de construções, noções estéticas, sobre os  
estilos revelando a filosofia de arte archi-  
tectónica, a poesia da matéria tornada ca-  
tedral, simbolo de aspirações, de ansieda-  
des, de beleza, de justiça...

São tipografos, hoje perdidos sem per-  
sonalidade nas oficinas, mecanizados pela  
industrialização moderna, levar-se-ia, a  
conhecerem o seu papel de escravos, quan-  
do se lhes revelasse os trabalhos dos ope-  
rários gráficos seus antepassados, com a  
magnificência das edições antigas, facilmen-  
te demonstráveis na Biblioteca Nacional.

Então, era a história da civilização, feita  
através a história do trabalho, história e  
filosofia económica reveladora da transfor-  
mação das sociedades, era a revelação  
da arte como factor social, a que ne-  
lhum operário pode ser indiferente.

Adquirida esta noção de ideia rudimen-  
tar de arte, a estética como elemento so-  
ciológico, entrar-se-ia na arte como agente  
moral, como instrumento de pedagogia do  
carácter, de modo que o estudo da arte  
fosse assim um curso de personalidade, em  
que o operário aprendesse a conhecer o  
seu lugar na vida, como homem que prese-  
e sente e não como besta de carga que se  
satisfaz com um pouco de pão que pode  
levar aos filhos.

Que lhes parece?

EDUARDO FRIAS

## A incorruptível Justiça

NEW-YORK, 13.—O governador demo-  
crata do Estado de Kansas, Jonathan Davis,  
foi preso sob a acusação de se deixar su-  
bornar por 1.200 dólares para conceder o  
perdão a um criminoso. Seu filho Russel  
de 38 anos é acusado de crime semelhan-  
te.—(L.)



## A educação moral na família

IV

### A sugestibilidade das crianças ou o poder do exemplo

25.—O lar ou o interior da habitação

O meio no qual são educadas as crianças deve ser física e moralmente sã.

O lar, quadro familiar. Seria preciso encontrar ali para todos, salubridade, higiene, conforto e beleza.

Pais e mães, realizai isto na medida das vossas forças, dos vossos meios, da vossa inteligência, do vosso coração.

Luz, ar, asseio, e também, coisas belas para os olhos e para a visão interior da alma.

É preciso dinheiro? Sim. Mas é preciso também bom senso, consciência e gosto.

Há pessoas indiferentes que se instalam «à maneira de mil demônios» depois de terem casado estouvadamente.

É preciso não proceder assim.

Eu estimo e respeito os jovens pares que têm grande cuidado com a escolha da habitação que deve ser o seu ninho e o abrigo de seus filhos, que reflectem, estudam, procuram, esquadriham, combinam, para, uma vez escolhida essa habitação, sã e cômoda tanto quanto possível, fazer dela uma moradia sedutora, agradável, encantadora, muito mais pela escolha feliz das coisas e por um asseio delicado do que pela quantidade brutal de objectos caros e, muitas vezes, de mau gosto.

Só tais seres são designados pelo destino para serem felizes na sua união e alegres na sua fecundidade. Ora, o nosso destino, fazemo-lo nós mesmos, muito mais do que pensamos.

### UMA PROPOSTA DE LEI

## Organização rural

Temos presente a extensa proposta, acompanhada dum extensíssimo relatório, que o ministro da Agricultura sr. Ezequiel de Campos apresentou ao Parlamento.

Segundo essa proposta, entra por exploração no domínio do Estado, nos concelhos com menos de 40 habitantes por quilómetro quadrado, uma fracção das terras possuídas, que será de metade para os proprietários com mais de 1500 hectares que residam no estrangeiro, e um terço e um quarto para os outros com mais de 800 ou 2000 hectares.

A exploração é feita pela capitalização do rendimento colectivo de 1914, avaliada pela média de 10 prédios similares.

As despesas com apropriação e valorização das terras saem do fundo de fomento agrícola reforçado com a emissão de obrigações prediais ouro, cautionadas pelas terras. Com essas obrigações serão pagas as terras.

As terras são divididas, segundo planos de parcelamento, em lotes correspondentes a actividade de uma família e são pagas em 12 a 30 anuidades ou arrendadas.

Estabelecem-se preferências para a compra e arrendamento.

Pode ser entregue a cultura a cooperativas para a exploração por período até 50 anos.

Reservam-se terrenos para certos fins sociais.

No capítulo II providencia-se sobre a irrigação de terrenos até o total de 200.000 hectares.

O governo apropria-se dos terrenos precisos, como para os efeitos de parcelamento e efectiva as obras por empreitada. A exploração pode ser objecto de concessão a empresas de rega.

No capítulo III estatuem-se as chamadas «garantias da povoação e do equilíbrio rural».

O capítulo IV ocupa-se da aquisição de máquinas e propaganda de processos agrícolas.

No capítulo V criam-se juntas distritais agrícolas, informadoras da Junta de Fomento Agrícola.

A pesar da doutrina desta proposta em nada afecção o regime burguês, antes serve para o defender e perdurar, os jornais monárquicos receberam-na com sete pedras na mão, classificando-a de bolchevista!

E alimentam esses protestos a esperança de ainda voltarmos ao regime monárquico! Como se as suas ideias fossem compatíveis com as necessidades e as ideias da hora que passa!

## “A Voz do Operário”

A sessão pública promovida pela comissão de defesa da instituição “A Voz do Operário” e que hoje se devia realizar no Centro dr. Bernardino Machado, em Alcantara, conforme há dias vinha sendo anunciada, ficou transferida para quarta-feira, 21 do corrente, à mesma hora e no mesmo local, por motivo das salas do referido Centro estarem hoje tomadas.

A gerência do Nacional, devido à colossal enchente de ontem à noite de Wolff, resolveu ainda esta noite repetir a interessante peça.

A seguir, a peça dos comediantes Armoni, Gerbidos e Mossouri, intitulada: “Dick”.

## Eden Teatro

(Telefone Norte 380)

AMANHÃ: QUINTA-FEIRA

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO

da revista “Féerie” em 2 actos e 17 quadros

PIC-NIC

original de ASCENÇÃO BARBOSA

Desempenho de toda a Companhia BARBOSA

e SOUSA

de Salvador, Illeguano, Campos e Oliveira, Balthazar Rodrigues e Rogério Machado

BILHETES À VENDA

## O banquete-tribuna do partido nacionalista

Depois de nutrido e copioso almoço chegou-se a igreja e a propriedade privada por entre as nuvens cor de rosa dum boa digestão

Muita se come em política! Antigamente a tribuna era modesta e um copo de água bastava para alimentar a eloquência dum orador. Agora o orador prefere como tribuna, como a única tribuna susceptível de magestade e inspiração — a mesa. O copo de água tornou-se taça de champagne e cálice de Porto ou Madeira. Foi preciso ao partido nacionalista para definir as suas opiniões — as muitas opiniões deste grupo — um banquete de empanurrar, com 300 convivas. A política não morre de debilidade, e se succumbir o ponto final será, sem dúvida, uma indigestão.

Os oradores, tirando o seu entusiasmo, natural em quem fez boa provisão de sólidos e de líquidos, pouco disseram que mereça referência. Há apenas as afirmações dos srs. Ginstal Machado e Júlio Dantas. Ambos tocaram a arca do conservantismo, dizendo as frases mais lindas e mais ternas à religião católica.

O primeiro disse que o partido nacionalista é conservador, deseja o respeito pela família. A família, como instituição, que faça uma venia, agradecendo. Quere também o respeito pela propriedade. Concorde. Nada há mais respeitável que a detenção no Alentejo de milhares de hectares de terreno por cultivar, devido à indifferença e egoísmo dos seus detentores, enquanto pelo país a fome lavra, milhares de bocas não têm pão; nada há mais respeitável que a posse dum grande palácio, habitação exclusiva dum velho ou dum par de snobs, enquanto crianças vagueiam, ao acaso, dia e noite, pelas ruas, sem pão, sem vestuário ou sem abrigo. A propriedade é respeitável — que o digam os miseráveis, os «cidadãos» do universal país da miséria.

O sr. Ginstal quer a liberdade de consciência para que seja respeitada a crença dos católicos e a organização política da igreja. É curiosa a reviravolta, armar-se a igreja em vítima, pedir-se a liberdade de consciência como se o livre exame não tivesse sido ferocissimamente combatido pelos que obedecem ao papa e à Companhia de Jesus. A igreja agora é a menina mais namorada pelos políticos, o que prova que a sacristia cada vez está mais perto dos centros políticos. É curioso constatar que à medida que o povo se vai afastando da igreja esta vai estando mais perto dos políticos republicanos. O divórcio torna-se mais profundo: Deus e a política ficam às moscas.

O sr. Júlio Dantas, o literato das marças — das marças tão refinadamente adulteras — feito político em nome da grande convicção dos seus interesses pessoais, disse, não ao ouvido de madame X, mas aos dilatados estômagos que o escutavam, que a igreja se tornara tão elegante e chic que já entrava nas suas crônicas. Tratando assim a igreja por grande dama, foi um adorável peralta namorando uma exigente e atoleiada sêcia.

Não quer o reconhecimento dos sócios — isso seria descer, marças? — para evitar a agitação comunista em Portugal, como se porventura a temperatura revolucionária da Rússia não fosse uma blague? — como se a legação russa em Lisboa não viesse a imitar a de Paris que recusou abrigo a Jacques Sadoul, o seu nobre defensor da primeira hora, da hora infame do bloleio e do odio.

O sr. Cunha Leal atacou o sr. Teixeira Gomes. Trata-se duma questão particular e nós, como o partido conservador, respeitamos a «família», passamos discretamente adiante... ou antes detemo-nos porque nada há mais que comentar a não ser o menu.

Valerá a pena duvidar dos princípios do partido nacionalista? Creemos que não, dada a dificuldade em criticar o que não existe.

## DESPORTOS

Um desafio de futebol na Guarda

GUARDA, 11.—Realizou-se hoje um desafio de futebol, pelas 13 horas, entre os grupos Esperança e Império Club, saindo o primeiro vencedor por 3 a 0.—C.

## Coliseu dos Recreios

HOJE — às 21 horas (9 da noite)

As maiores e mais sensacionais maravilhas da

NOVA COMPANHIA DE CIRCO

Notável trabalho de equitação pelo extenso professor português

ROBERTO DE VASCONCELOS

Elegantíssimos e originaes exercicios

das catifes e pinguales

amestoados pela gentil domesticadora

Melle. FANNY NOMANO

A travessia do «promenoir» para a pista, suspensa de um fio de ferro, um pelos dentes e outro por um aparelho entalado entre as espaldas dos atrevidos alimnistas

LOS SAMBER

Trabalho da maior emoção e da maior nobreza

Unicos artistas que exhibem este exercicio

GERAL \$300

“FAUTEUILS” desde \$300

Amãhã — 1.ª “MATINEE” ACADEMICA

BILHETES À VENDA

## A POLÍCIA

## Prisões sem motivo

Ontem, cerca das 17 horas, foram presos na Praça de D. Pedro IV Manuel Navarro e João Miranda, que foram conduzidos ao posto do Teatro Nacional e depois à esquadra de Mouraria, onde ficaram incomunicáveis, não permitindo sequer que lhes fosse enviada comida.

Já de madrugada foram enviados à esquadra de Santa Marta, onde os interrogou o sr. Ferreira do Amaral, sendo postos em liberdade cerca das 4 horas da madrugada, por não haver contra eles nada de comprometedor.

**Guarda agressor**

Enquanto estiveram presos presenciaram estes indivíduos uma agressão feita pelo guarda n.º 1883 a dois presos, um dos quais com 60 anos de idade, agressão que só tinha justificação na brutalidade do dito guarda.

## CONFERÊNCIAS

### O problema da educação popular pelo dr. Ferreira de Macedo

No Salão da Construção Civil realizou-se, perante um atento e numerosíssimo auditorio, o professor sr. Ferreira de Macedo uma preleção de propaganda promovida pela Universidade Popular Portuguesa.

Falou o sr. Ferreira de Macedo, largamente e brilhantemente, sobre a crise actual da civilização e o problema da educação popular, mostrando a necessidade de formar opiniões esclarecidas e justas sobre todos os problemas actuais, que a todos interessam e a todos dizem respeito, e de descer ao fundo das consciências, examinar a vida, apreendendo o seu verdadeiro sentido, adquirindo assim a verdadeira consciência da dignidade de Homem. Há a necessidade — disse — de viver intensivamente, isto é de intervir lutando, com consciência, com saber, com fé, e com coragem.

Em seguida, o conferente define o verdadeiro carácter da educação, mostrando em que esta se distingue da instrução.

Definindo o ideal humano, fala-nos da história do homem e seus motivos de conduta, das suas aspirações de justiça, de verdade, de bem e de beleza; dos impulsos puramente animais, dos prazeres inferiores.

«A vida humana é uma luta constante entre a animalidade que forma o fundo do nosso ser, e a espiritualidade que tende a elevá-lo cada vez para mais alto».

Depois de salientar o predomínio crescente da Razão, concluiu por mostrar o estado de insuficiência material em que se encontram as classes trabalhadoras, tanto manuais como intelectuais com acção deficiente do Estado.

A palestra do sr. dr. Ferreira de Macedo agradou plenamente ao publico que enchia o vasto salão.

### Sobre literatura nacional

O dr. sr. Sá Oliveira realiza hoje, pelas 21 horas, na sede da Universidade Popular Portuguesa, Rua Particular à Rua Almeida e Sousa, uma conferência sobre literatura nacional, devendo ser lido e comentado o «Camões», de Garrett. Haverá projecções luminosas, sendo a entrada pública.

### O problema agrário

Na Sociedade de Geografia realiza hoje pelas 21,30, o sr. dr. António Sérgio uma conferência sobre a reforma educativa e a politica do fomento metropolitano, introdução do problema agrário português.

### O homem e a indústria

Subordinada a este sugestivo titulo, o camarada António da Costa Carvalho realiza no próximo domingo, pelas 15 horas, na Casa do Povo Português, uma conferência. Esta conferência é feita a convite do Grupo Educação Social dos Manipuladores de Pão, do Porto, o qual, de harmonia com a sua missão de propaganda dos seus princípios, acaba de distribuir profusamente um folhetozinho de oito paginas com a epigrafe: «Duas palavras sobre moral e hygiene social».

### Tactica proletaria

Hoje às 21 horas realiza-se uma conferência, no Salão de Festas da C. V. G. Calçada do Combro, 28-A, 2.ª, promovida pelo Núcleo de Juventude Sindicalista, em que o dr. sr. Ramada Curto versará o tema «Tactica proletaria».

## Passeio escolar

Realiza-se amanhã um passeio escolar ao Jardim Zoológico, o terceiro da série que por iniciativa do illustre vereador sr. Alexandre Ferreira se vem realizando há dias a vários pontos da cidade. Desta vez tomam parte no referido passeio os alunos das seguintes escolas: Associação de Beneficência da Encarnação, Centro Bernardino Machado, Centro Castelo Branco Saravia, Centro Republicano de Santos, Centro Socialista de Alcantara, Escola 5 de Outubro, Escola Nacional Republicana 27 de Abril, Escola do Povo, Grémio Republicano de Alcantara, Grémio de Instrução Liberal, Grémio Popular, Sociedade de Instrução Amigos da Infância e Sociedade Promotora de Educação Popular. As creanças serão transportadas em quatro carros eléctricos, pelas 12 horas, sendo os pontos de embarque: Belém, Largo de Alcantara, Conde Barão e Rossio. Aos alunos destas escolas será fornecido um lunch no jardim. O regresso effectua-se às 16 horas.

## Secretariado Nacional de Assistência

Jurídica e Solidariadade

Este Secretariado esteve com o presidente do ministério a quem entregou uma publicação formal, sobre um caso grave passado em Cabeço de Vide, em que a guarda republicana da localidade praticou mais um acto selvagem na pessoa de um trabalhador rural.

O presidente do ministério ficou de se informar do assunto e dar ordens imediatas a fim de evitar actos destes que prejudicam o regimen com estas consecutivas scenas selváticas praticadas por quem a seu cargo tem a manutenção da ordem.

Também este Secretariado se avistou com o director da P. S. E. sobre a situação dos presos sociais que a seu pedido foram remetidos para Africa, ficando aquela entidade de tratar do assunto conforme o caso requer.

Também o Secretariado tratou da libertação de dois operários que foram presos depois da manifestação que acompanhou a comissão ao parlamento tendo sido postos ontem em liberdade os referidos operários que são João Miranda e Fontilla, espanhol.

### Na Ericeira

Mais procissões

ERICEIRA, 12.—O clericalismo aqui continua estendendo os seus tentáculos com um descaço inaudito.

Ontem exhibiu-se nas ruas desta vila mais uma procissão, e duas mais se preparam para os dias 20 e 22, em honra de São Sebastião, para o que começaram ontem as novenas dedicadas ao mesmo «santo».

Escusado será dizer que a autorização para estas e outras procissões foram dadas pelo «livre-pensador» sr. Filipe Mendes.—E.

**Lê o Suplemento de A BATALHA às segundas-feiras**

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### Teatro da Trindade

«A intrusa» peça de Luna de Oliveira

Luna de Oliveira, o interessante dramaturgo do «Viriato», põe na sua peça «A intrusa» em foco e frente a frente a luta pela vida que agrupa dum lado os que se vergam a um convencionalismo social absurdo e do outro os que moirejam norteados somente pelo trabalho e pela honestidade. É a luta fatal do burguesismo bem jantado, cheio de fadiga com o desprestígio sobre quem recaem todas as suspeições de sairosas que a defeituosa organização social alimenta.

Em volta da colisão fatal nascida do ambiente e dos meios de combate, o embuste e a franqueza, o artificial e a sinceridade, desenvolve-se o fio romântico, demasiado intenso e difundido (é este o único senão da peça) em que todos os personagens se encontram subitamente envolvidos e cujo desfecho excede toda a expectativa, quando parece que a acção se compõe finalmente num estadiol lógico e oportuno.

Haveria necessidade em rematar a peça por esta forma intrincada? Seria preferível deixar o espectador suspenso da finalidade que deveria oferecer-se numa peça que objectivava naturalmente a definir caracteres e a pôr com nitidez situações que para isso contribuissem? Com o autor, entendemos que não. Não se podia deixar de apartar sem confusões, os artificiosos dos saos, e extremando os preconceitos e libertando da falsidade os que não apareciam atacados do virus das conveniências sociais e cujo quilate era bem diferente. O desinteresse, a abnegação e o sofrimento tinham de se opor à convenção, à perdição e ao bem se conquistado por uma situação invejável que os meios de fortuna favoreciam.

Sentimentalmente «A intrusa» é sobremaneira apreciável e vivida, como teatro prejudica-se, um pouco, pela preocupação que o autor teve em literalizar o diálogo que natural fica sacrificado na sua espontaneidade necessária. Por isso, o 2.º acto é o melhor, curto, incisivo e natural. O 1.º como movimento scenico é equilibrado, o 3.º e o 4.º attingiu um crescendo de dramatisação que satisfaz inteiramente aos predilectos do teatro romântico em que a abundância das frases sentenciosas deixa perder o sentido da acção dramática.

Do desempenho, salientaremos Palmira Bastos que, como actriz inteligente que é, se meten dentro do papel, tirando dele efeitos que nem todas as actrizes de mérito conseguem. O seu gesto no 2.º acto, a sua fisionomia, atestaram de sobejo a sua reputação.

Georgina Cordeiro esiorçada, diligente, mais ferindo por demais a desenvoltura das raparigas burguesas que frequentam o Estolil. Chamamos a atenção de Luna de Oliveira para o facto de pôr na boca de «Alida» versos de Antero, que nos espanta que possam ser retidos de memória por quem mostra tanto desinteresse pela literatura, como o demonstra no frívolo desinteresse com que dá voltas ao livro que não chega a ler no 1.º acto. Carlos de Oliveira bem, severo e calmo. Abílio Alves um tanto desigual, não se justificando o seu caminhar apressado em determinadas situações que o não justificam. Muito natural e de boa caracterização António Gomes. Os restantes artistas regularmente, havendo a notar em Penha Coutinho a adequada destreza de andar de twnista.

### Reclames

«Mais um magnifico programa executa esta noite a nova companhia de circo no Coliseu dos Recreios, no qual figuram os artistas Los Sambar que fazem a travessia do promenoir para a pista suspensos de um fio de ferro, um pelos dentes e o outro por um aparelho entalado entre as espaldas».

## Pai que nega o pão a um filho

A bordo do paquete «Trás-os-Montes», da C. N. N., atracado à muralha de Alcantara, na doca dos espanhóis, encontra-se a trabalhar na picagem Abel de Castro, encarregado dos trabalhos de pintura.

Ontem, pelas 8 horas, compareceu a bordo Abel de Castro, filho do encarregado, pedindo-lhe trabalho, visto que tem uma avó a sustentar, de 70 anos de idade.

O encarregado negou-lhe trabalho, pelo que os outros operários, vendo-o chorar e lamentar-se, foram junto dele a expor-lhe as circunstâncias do filho. Respondeu essa criatura que nada tinha com isso e intimou o rapaz a sair do navio, ameaçando-o de chamar a autoridade.

Será o lugar de encarregado incompatível com os sentimentos de humanidade?

## HOJE

Última representação da peça de Wolff

O DESEJO

— NO —

TEATRO NACIONAL

AMANHÃ

em 1.ª ita da moda e 4.ª de assinatura a 1.ª representação da movimentada comédia

DICKY

## A BATALHA

### Praia da Aguda

Dois barcos que naufragam

— Ignora-se o destino de outros seis. — Cinco tripulantes afogados

PRAIA DA AGUDA, 10.—Desde que, para mal da grande família dos oprindidos que labutam incessantemente, para ganharem o denegrido pão cotidiano, o inverno se fez sentir com todas as suas inclemências e horrores: chuvas torrenciais e frios permanentes e arripantes, que a classe piscatória, sobretudo, tem vivido numa situação desesperada de miséria e fome.

Há bastantes semanas já que as classes marítimas desta praia não saiam ao mar em consequência do tempo não o permitir. Hoje, porém, pareceram-lhes que o mar tinha amainado um pouco e, impelidos pela fome que há muito campeia em quasi todo o lar do pescador, lá se decidiram sair com seus barquinhos na esperança de voltarem alegres e sorridentes trazendo com eles o pão para suas pobres famílias, — o pão ambicionado pelas bocas famintas, embora ganho com sacrificios, incalculáveis. Triste desilusão: dos oito barcos que foram para o mar, seis não puderam sair e dois naufragaram, morrendo cinco dos seus tripulantes!

Narramos, pois, o que se passou:

**O principio da tragédia**

— Voltam-se dois barcos

A tardinha, para os lados da praia, começou a ouvir-se uma gritaria medonha. Acorremos imediatamente à praia e dentro de poucos minutos encontramos no diante do mar, onde os gritos lancinantes saiam de todas as bocas: mulheres e crianças, novos e velhos, toda a gente, enfim, ali permanecia. A gritaria intensificava-se cada vez mais, medonha, apavorante, e de todos os olhos as lágrimas brotavam desesperadamente. Indagamos do que se passava: dois barcos tinham-se voltado, quando tentavam sair para terra, tendo morrido naufragados cinco dos seus tripulantes.

Quando chegámos, tivemos ainda ocasião de ver os dois barcos, a lutarem com as ondas altas e furiosas, já sem governo, os quais se despedaçaram dentro em pouco, tendo os destroços arribado passados alguns momentos.

**A sorte da tripulação dos restantes seis barcos**

Então, vendo-se o perigo imminente dos restantes barcos que se encontravam ainda um pouco ao largo e que não sabiam da tragédia que tinha enlutado toda a classe marítima, a multidão, desorientada, começou gritando influindo-o a que não saíssem porque talvez ali ficariam para sempre. Alguém alvitrou seguramente o hastear um pano negro na praia para indicar aos pescadores o que tinha sucedido, decidindo-se então os seis barcos a retirar-se para o Norte, indo talvez arribar à Afrada ou Matosinhos. Aí hora em que escrevemos ainda se não sabe nada a seu respeito.

**Falando com um dos sobreviventes**

A tripulação de cada barco compunha-se de cinco homens, sendo cinco os que se salvaram com grande custo. Procurámos um dos sobreviventes, nosso conhecido, o pescador Hernani Pinho Pinhal a quem perguntámos:

— Então? Que nos diz acerca desta grande tragédia?

— Raio de vida! — apostrofou ele — calcule o amigo a nossa sorte: há meses que estamos lutando com a miséria e agora que julgávamos atenuada, succede-nos isto. Lá se foram cinco camaradas, peixe, barcos e redes. Raio de vida...

— Diga-nos: quem são os seus camaradas que faziam parte da tripulação dos dois barcos?

— Do meu barco era eu, meu irmão Adriano, o Domingos d'Oliveira, o António da Marçada com 48 anos e 3 filhos e o Joaquim Mangalfoice com perto de 50 anos e 2 filhos.

— E quantos se salvaram do seu barco?

— Eu, meu irmão e o Domingos d'Oliveira. Os outros...

— E a tripulação do outro barco?

— A tripulação do outro barco era composta pelo Henrique Soares, o Murro, de 27 anos, solteiro, o Carlos da Gança, de 23 anos, também solteiro, o António da Eira, de 38 anos, casado, com 4 filhos, o José Moleiro, solteiro e outro cujo nome me não recordo.

— Quais são os sobreviventes deste barco?

— O José Moleiro e o tal de que não me lembra o nome.

**A falta dum posto de socorros a naufragos**

— Acha que se poderia ter evitado tam grande catástrofe?

— Podiam ter-se salvo todos se aqui houvesse, como noutras partes, um posto de socorros a naufragos. Assim... Olhe: eu ainda tentei salvar alguns, mas lá ficando também.

— Então a Capitania não tem aqui nenhum utensílio de pronto socorro?

— Absolutamente nada, disse-nos tristemente o nosso entrevistado e quando dele nos despedimos ainda nos observou:

— Se estas informações forem para os jornais, não se esqueça de pedir lá ao governo que olhe por nós.—C.

**A Avenida Sacadura Cabral**

PRAIA DA AGUDA, 11.—Com a presença de todas as entidades oficiais do conselho e bastante povo, passaram já das 17 horas quando o presidente da Câmara de Gaia descrevou a bandeira verde-rubra dumha tableta provisória, que ficou colocada de frente das cancelas do caminho de ferro, e na qual se lia: Avenida Sacadura Cabral. Esta avenida é a que liga esta localidade às praias da Granja e Miramar. O presidente da câmara da Gaia proferiu algumas palavras alusivas ao acto e, desde esse momento, — fiquem sabendo toda a gente — a referida avenida ficou assim denominada, o que, se não nos interessa, também não nos desgosta.

**Serviço da Salvação Pública**

Em seguida, a mesma comitiva dirigiu-se ao edificio da nova estação do Serviço de Salvação Pública, que foi inaugurada também pelo presidente da câmara de Gaia, o qual proferiu algumas palavras demonstrando o valor da criação deste serviço, que grandes benefícios trazia para a Aguda e lugares circunvizinhos, sobretudo Granja, Miramar e Arcozelo, que deles se podem utilizar rapidamente.

A estação n.º 4 do Serviço de Salvação

## NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES

Pública ficou dotada com uma excelente bomba de mão para serviço de incêndios e bem assim de todo o material que lhe diz respeito.

A criação do posto de Salvação Pública mereceu o nosso aplauso porque dele se podem servir todos que necessitem utilisá-lo.

**A luz electrica**

A inauguração da luz eléctrica já tinha sido inaugurada, de facto, em 31 de Dezembro findo. Todavia, só hoje é que o elemento oficial pôde assistir à inauguração definitiva, a qual foi realizada pelo presidente da câmara de Gaia que abriu a luz, tendo proferido um breve discurso a propósito do assunto. Já aqui dissemos da nossa justificação o que pensamos acerca deste melhoramento, sob todos os pontos de vista importante e útil.

Findadas as inaugurações destes melhoramentos, a comitiva dirigiu-se para casa do sr. Joaquim Vieira da Costa, onde foi servido um copo de água como regozijo e satisfação pela obra realizada, tendo tido o monstro discursado, com muito boa vontade de dizerem coisas lindas. Dos discursos ali proferidos, apenas há que salientar o do engenheiro G. Peres, que sinceramente prestou homenagem ao Trabalho, afirmando que sem o homem qualquer obra era impossível realizar-se. Ao trabalho pertencia, pois, — declarou — uma grande parte na realização de todo o progresso.

Também o dr. Pedrosa Júnior se referia elogiosamente ao operariado, dizendo ser filho dum trabalhador e que, por isso, no exercício do seu cargo, como presidente da câmara de Gaia, nunca esquecerá os humildes, de onde descende







# A BATALHA

A nenhum indivíduo é reconhecida, moralmente, autoridade para discutir a administração do país, quando pratica roubos ao balcão ou especula com a miséria do povo.



## A crise de trabalho e a baixa de salários

A Confederação Geral do Trabalho perante o delicado problema

O Conselho Confederal toma resoluções

Sob a presidência de António Marcelino, secretário-geral, Manuel Rodrigues e José Dias Lobo reuniram ontem o Conselho Confederal, estando representados os seguintes organismos: Unões: Porto, Seixal, Almada, Faro, Portimão, Lisboa e Olhão. Federações: Metalúrgica, Mobilizadora, Marítima, Construção Civil, Empregados no Comércio, Livro e Jornal, Corticeira e Rural. Sindicatos Nacionais: Arsenal de Marinha e Chauffeurs do Sul. Sindicatos isolados: Mineiros de Alfuzel e Têxteis de Manteigas.

Carlos Coelho, em nome do comité, informa o conselho que, em virtude da falta de tempo, não foi possível ao comité coligir os elementos indispensáveis referentes à crise de trabalho.

Seguidamente procedeu-se à leitura do parecer sobre a crise de trabalho, tendo-lhe Manuel Joaquim de Sousa feito largas referências, fazendo igualmente notar que por deliberação do conselho foi resolvido que os secretários das Secções de Federações e Unões dessem execução à matéria contida no mesmo.

Gonçalves Vidal é de opinião que o parecer deve ser actualizado.

Manuel Joaquim de Sousa que volta a falar, diz que a C. G. T. devia entrevistar o governo reclamando dele medidas atinentes ao debelamento da crise em todo o país e simultaneamente promover uma agitação em todos os organismos para conseguir-se a realização dos objectivos da organização.

Lúcio Costa, em resposta ao orador, declara que o comité aguarda oportunidade para entrevistar o presidente do ministério e depois, em face do seu resultado, pautar-se há a orientação dos organismos sindicais.

Joaquim de Sousa informa que a Federação Metalúrgica enviou uma circular a todos os organismos federados sobre a crise de trabalho.

Manuel Rodrigues, dando conta dos propósitos da Federação dos Empregados no Comércio, elucida o conselho que este organismo vai enviar circulares aos sindicatos federados procurando saber o número de empregados sem colocação e respectiva especialidade.

Gonçalves Vidal, referindo-se aos trabalhos da U. S. O. de Lisboa, diz que este organismo tem procurado vencer a fraqueza dos organismos sindicais.

Em seu entender, a Central dos Sindicatos deve activar a sua propaganda, tentando interessar a população operária portuguesa no movimento em transito.

Faustino Ferreira, em nome da Federação de Lançaria, diz que este organismo já elaborou um parecer apontando as causas principais da crise naquela indústria.

Manuel Joaquim de Sousa apresenta a seguinte moção:

«O Conselho Confederal, depois de apreciar e rever o parecer já aprovado sobre a crise, resolve confirmá-lo por reconhecer que o mesmo se encontra ainda actualizado; resolve mais, que o Comité, de acordo com os secretários das Secções, procure activar, junto dos organismos sindicais do país, os trabalhos que constam dos números 1, 2, 3, 4, 5 e 8 daquele parecer; e ainda que as mesmas entidades recolham os informes relativos ao inquérito de A Batalha, no que sejam aproveitáveis para atenuar a crise, e os condensem numa exposição, que deverá ser precedida pelas reclamações que constam dos números 6, 7 e 9 do supracitado parecer, exposição que deverá ser entregue pessoalmente aos membros do governo que de algum modo possam interferir na questão da crise, recolhendo o Comité as respostas dos governantes em relatórios circunstanciados, por forma a habilitar a C. G. T. a orientar-se com segurança. Que o Comité elabore desde já um plano de agitação revolucionária em todo o país, trazendo urgentemente ao Conselho esse trabalho para ser executado ao mesmo tempo que se realizem quaisquer «démarches» com o governo, no sentido de debelar a crise».

António Monteiro está convencido que o problema da crise tem que ser resolvido de cima para baixo. A Conferência Inter-Sindical Gráfica já apreciou suficientemente esse problema e dos seus trabalhos podem reconstituir alguns exemplos para as restantes classes, devendo a C. G. T. fazer a propaganda necessária nesse sentido.

Alfredo Lopes concorda com o documento, acrescentando que a F. da C. Civil tem entrevistado o ministro do Trabalho sobre a crise não conseguindo que as suas reclamações sejam atendidas.

Justino Camacho reforça as opiniões de A. Monteiro.

António Monteiro aprecia a orientação da Batalha sobre a crise de trabalho e Alfredo Lopes emite a opinião sobre a forma de futuro serem dadas as notícias das reuniões do conselho confederal.

M. J. de Sousa completa a opinião do orador antecedente, sendo ambas aprovadas.

Gonçalves Vidal defende a nomeação duma comissão especial para tratar do assunto, em virtude do comité estar absorvido com muitos trabalhos, apresentando uma proposta nesse sentido, que o conselho aprova, sendo nomeados M. J. de Sousa, António Monteiro e Manuel da Silva Campos pelo comité, e os dois secretários das Secções.

Depois de aprovada por unanimidade a moção de M. J. de Sousa foi encerrada a sessão, tendo sido dada a seguinte ordem do dia:

### Operários Carruageiros

Uma comissão delegada deste organismo tem vindo tratando, junto do ministro do Trabalho, da crise que esta classe vem atravessando. A inscrição para os desempregados continua aberta na sede deste sindicato, rua do Arco da Graça, 10, 2.º.

### Encadernadores desempregados

A direcção convida os encadernadores e pautadores desempregados a comparecerem na sede da Associação amanhã, 15 das 20, às 23 horas, a fim de se inscreverem para ser tratada a sua situação.

### Sindicato Unico Metalúrgico

Prevenção aos metalúrgicos

A Parceria dos Vapores Lisboenses, por intermédio do seu mestre geral, fez constar nestas oficinas que, atendendo à crise que actualmente a classe atravessa, e para em parte a poder atenuar, formaria dois turnos de pessoal, o que à primeira vista parece ser muito justo e humano, se não fosse do conhecimento da classe o haver operários em Lisboa que se encontram com trabalho reduzido, os quais podem vir a concorrer aos ditos turnos, traído assim o horário das 8 horas. Por esse motivo, o S. U. Metalúrgico de Lisboa previne todos os metalúrgicos, e principalmente os torneiros, a que não vão trabalhar para estas oficinas enquanto o pessoal desta fábrica não apreciar o assunto, o que espera suceda hoje, pelas 17,30 horas, na sede do Sindicato, rua da Esperança, 122, 2.º.

Conselho técnico e de melhoramentos

E' convocado este conselho a reunir hoje, às 20 horas, para se ocupar do magno problema dos sem trabalho e apreciar as bases de funcionamento do mesmo organismo.

Um convite

A fim de habilitar a Federação Metalúrgica a concluir os seus trabalhos sobre a crise, o S. U. M. convida os metalúrgicos desempregados a inscreverem-se no boletim que se encontra patente na sede social.

### Os impressores tipográficos em face da crise

A direcção deste sindicato convida os componentes da classe, sócios ou não, que se encontrem desempregados ou não trabalhem as semanas completas a inscreverem-se na sede sindical, todos os dias excepto às terças e quintas, das 21 às 22 horas.

### Uma paralisação dos Taneiros de Lisboa

A convite do Sindicato dos Taneiros de Lisboa, reúne hoje, pelas 10 horas, esta classe, em sessão magna, para apreciar a crise e resolver definitivamente sobre o vasilhame do norte e terminação da empreitada na indústria.

A direcção avisa todos os camaradas que não devem comparecer nas oficinas.

Serão feitas chamadas por oficinas.

### Sindicato dos Compositores Tipográficos

Pela última vez o Sindicato dos Compositores convida os desempregados a irem à sua associação de classe inscreverem-se no boletim «Pró-desempregados» a fim de se conseguir colocação.

### A União Fabril preparando o golpe

A gerência da União Fabril, tristemente celebrada pelo vago ódio aos elementos capitalistas do movimento sindicalista, volta a provocar um sério conflito entre o operariado ao seu serviço.

Quando ainda existem bem visíveis os trágicos efeitos da despotismo de um membro daquela gerência, que irremediavelmente lançou para a cadeia um chefe de família, custando a vida aquele, gerar um novo gesto de revidada é miseravelmente originar uma luta desumana.

Segundo nos informaram, de fonte absolutamente segura, na Fábrica Aliança, na rua 24 de Julho, pertencente à referida União foram a tempos despedidos os chauffeurs sob um pretexto qualquer.

Passados alguns dias, o miserável objecto daqueles despedimentos veio à supuração: Os chauffeurs seriam readmitidos, mas com a condição de passarem a auferir um salário inferior em 6500!

Ao pessoal das oficinas de velas estearinas também lhe foi proposto que seria readmitido no trabalho de especialidade com menos 3500 do salário e 12 horas de trabalho.

E' conveniente dizer-se que aquelas oficinas vão reabrir, sendo este o motivo da proposta.

O pessoal das restantes especialidades ao serviço da União Fabril está alarmado com a perspectiva da baixa de salários.

Nos seus colegas chauffeurs e da oficina de velas estearina vêm o início da obra a levar a efeito, que não se dispõem a acatar sem o protesto da sua indignação.

E a gerência com o golpe, já denunciado, só aumentará a antipatia que o operariado vai tendo por ela.

### A junta de freguesia de Cabeço de Vide contra os interesses dos trabalhadores

CABEÇO DE VIDE, 10.—Os trabalhadores rurais reuniram no seu Sindicato, para tomarem conhecimento das resoluções do presidente da junta de freguesia sobre a crise de trabalho.

Antes da hora marcada a sala das sessões estava apinhada de camaradas, ansiosos por conhecerem a resolução daquela entidade.

Aberta a sessão, por um dos membros da comissão de *démarches*, foi exposto o resultado dos seus trabalhos junto do presidente referido.

Mais uma vez se constatou o propósito revoltante do Dr. Alexandrino Lopes Russo, o presidente da junta de freguesia, em não procurar estudar a forma de debelar a crise de trabalho, circunstância para ele futilíssima que não merece as locuções deste espírito superior.

Por essa razão, a assembleia votou um protesto, exprimindo o seu descontentamento pelo insólito procedimento daquele senhor perante tão grave problema.

Esta manifestação ser-lhe-á comunicada em officio para seu completo conhecimento.

Contudo, a comissão prossegue na sua árdua tarefa tendo conseguido, depois duma entrevista com alguns agricultores, colocar grande número de desempregados em algumas das suas propriedades.

Este conselho flagrantemente o presidente da junta e os agricultores prova bem que o Dr. Alexandrino só tem um fim: reduzir a fome os operários. Mas não o conseguirá enquanto o seu sindicato existir.—E.

### Continua no mesmo estado a crise em Reguengos de Monsaraz

REGUENGOS DE MONSARAZ, 12.—A crise aqui ainda não teve solução. O delegado do governo respondeu que o governador civil de Évora não pode arranjar colocação para os operários desta localidade e que ia ver se conseguia a abertura dos trabalhos na estação de Reguengos, e que a Câmara cumpriria solucionar a crise.

O delegado do governo disse que já tinha falado com a Câmara, respondendo esta não ter verba, o mesmo dizendo a Misericórdia e os particulares. Apresenta-se-lhe o seguinte, que poderia empregar alguns peregrinos e serventes. Há na localidade muitos poucos que não têm resguardo nem são impedidos, o que constitui um perigo para pessoas e animais, sendo necessário obrigar os seus proprietários a proceder ao seu empedramento e defesa.

Quando a Manuel Prego, que aqui se disse dar um salário de 6500, devemos elucidar que de 6500 foi estabelecido para um metro de muro com um metro e meio de altura, tendo sido este trabalho calculado para 9500 e 10500 por cada metro: Esse mesmo senhor parou agora com o trabalho, porque em seu entender os operários de inverno não fazem nada.

Muitos burgueses desta vila dizem que não dão trabalho porque não querem aceitar o horário de 8 horas e outras boboseiras.—E.

### Uma reunião dos marítimos de Abrantes

ABRANTES, 12.—Reuniram ontem na sua associação de classe os marítimos desta localidade para apreciar uma baixa de salários que se projecta.

Com uma enorme concorrência foi a sessão aberta às 16 horas por Manuel de Abreu, que fez algumas considerações a propósito do assunto que ali se ia tratar.

Foi aprovada uma moção que preconiza o acatamento por parte da classe a todas as resoluções tomadas no 3.º congresso marítimo e tendente a fazer ingressar no sindicato todos os que dele andam afastados.

José de Almeida, da Federação Marítima, refere-se à atitude dos industriais que, aproveitando o momento da crise, tentam dar um golpe nas classes trabalhadoras para lhes baixarem os salários. Incita os presentes a manterem-se firmes na luta que seja necessário emprender e diz que a Federação por seu turno fará o que sempre tem feito quando à classe a ela recorre.

Salvador Lamego refere-se à situação da crise que o operariado actualmente atravessa que é forçada pelas classes patronais para fazer baixar os salários. Os trabalhadores devem opor-se a tais desígnios, que a situação económica dos trabalhadores não justificam. Aconselha os operários a não recorrerem à Federação em todos os casos.

Depois de dois operários se ocuparem da baixa de salários falou ainda José de Almeida a propósito de as embarcações estarem ainda atracadas aos locais onde deviam carregar e de os patrões esperarem que os operários vão trabalhar nas condições que mais lhes convenham, aconselha a classe a proceder com energia.

Foi aprovada uma proposta para que os barcos fossem retirados dos locais onde se encontram e para que se oficiasse à Federação a fim desta não prestar solidariedade a marítimos desta localidade não sindicados.—E.

### O procedimento dum «força viva» que não difere dos outros

ERICIFRA, 12.—Há pouco António Serão Franco, proprietário e banqueiro, visitando as suas propriedades agrícolas aqui, recomendou ao caseiro que reduzisse ao mínimo o número de trabalhadores rurais ao seu serviço porque não podia gastar muito dinheiro com homens, mas em compensação ordenou-lhe de aumentar com o maior número possível de cabeças o rebanho de ovelhas que sustenta. O mesmo «força viva» tem abandonado muitas terras cultiváveis, deixando vinhas e pomares por podar, etc., enquanto em muitos lares de rurais a miséria vai atraindo.

A história desta «força viva» é a história de todos os outros que pretendem estorpear o proletariado rural.—(E.)

### Uma reunião dos Sindicatos Operários de Olhão

OLHÃO, 11.—Tivemos ontem o prazer de assistir a uma reunião de delegados da U. S. O. desta vila, o que já há muito não sucedia pela indolência de alguns delegados, juntamente com as direcções dos sindicatos, para estudarem a fundo a crise de trabalho.

Depois de bem apreciadas as causas que contribuem para a mesma, foi nomeada uma comissão para estudar a forma de agir, e ir reclamar da Câmara Municipal, algumas obras de conhecida utilidade pública.

A comissão ficou composta por: Alvaro Gouveia, Vergílio Tavares, Augusto César da Silva, Joaquim da Horta Nobre e António Abreu, devendo na próxima segunda-feira, dirigir-se à Câmara.—(C.)

### A indústria de conservas em face da crise

OLHÃO, 11.—E' na indústria de conservas desta vila, que presentemente a crise de trabalho atingiu o seu auge, porquanto de sessenta e três fábricas, apenas seis se encontram a laborar.

Isto levou os operários a reunirem ultimamente para tratarem convenientemente do assunto, tendo a classe resolvido nomear uma comissão para entrevistar o industrial José Vieira, novo presidente da associação industrial, a qual ficou composta por: José Gonçalves, Raúl da Silva, Vergílio Tavares, Carlos Xavier, José Luís Cana e Tanasinha. Veremos que os industriais resolvem, e depois falaremos.—(C.)

Edições SPARTACUS

ACABA DE APARECER

O Amor e a Vida

Contos por CHIMOS BIMA

Preço, 5500. Pelo correio, 6500

A' venda na administração de A Batalha. Descontos aos revendedores.

BARBEIRO, precisa-se habilitado, não sendo é inútil comparecer, ordenado 20300 diários, rua Miguel Bombarda, 33—BARBEIRO

### OPINIÕES E ALVITRES

#### Em volta da Nacional Fábrica de Vidros

São tantos e tam variados os casos que se tem oposto à reabertura da Fábrica Nacional, que a dar-lhe crédito teríamos que fazer uma secção para responder à insidia que trama o seu aniquilamento, ainda porque as «forças vivas» não querem que ela vá fazer concorrência ao mercado.

Mas porque odeiam, os industriais vidreiros, a Fábrica Nacional?

Porque os industriais vivem de constantes combinadas, e fazem subir o preço ao vidro pelo mesmo sistema!

Os lucros fabulosos que usufruíram durante a guerra, enquanto pagavam aos operários uns salários irrisórios, veem eles que os não podem recolher hoje mas, perguntar-se-á:

A Nacional funcionando ameaça a indústria particular? Não, porque os 15 mil esteres de lenha apenas lhe dão para fazer funcionar um forno e a Fábrica se quiser aumentar a fabricação terá que comprar a lenha pelo preço que cabe à indústria particular.

Para a aniquilarem tem lançado mão de todos os meios, tendo até, há bem pouco tempo, alviado para que ela seja transformada num jardim escola.

Agora de fresquinho sabemos que é um operário presidente duma Comissão, a qual desconhecíamos a existência.

O presidente da Associação dos Cristaleiros afirmou-nos ontem que o citado «presidente» tem acções na fábrica em que trabalha.

Diz estes cavalheiros na carta publicada no «Século», ao qual chama defensor das classes trabalhadoras (sic), que não é justo que a Nacional usufrua uma regalia que pertence à colectividade, e não pode por conseguinte, ir beneficiar somente uma certa camada.

Não explicou porém porque é que a Fábrica Nacional tem direito a 20.000 esteres de lenha e não quinze mil, como lhe são dados actualmente.

Não explicou que aquela lenha vem do contrato feito entre o ministério da Agricultura com a administração florestal, em ceder esta lenha visto que a tem em superfluo, e a Fábrica os seus importatíssimos latifúndios do Malta, visto que deles podia prescindir para a fabricação de vidro.

Não explicou que os Matos tem obrigação de cortar 20.000 esteres de lenha, porque usufruem as regalias e rendimentos dos casais do Malta e Lebre que eram pertença da Fábrica Nacional.

Não, não explicou nada!

Veio com o seu patriotismo de amarelo refractário, clamar contra aquela fábrica, para conseguir que o governo demore ainda mais a solucionar uma questão, que por ser tam debatida, está velha e gasta.

Dizendo que trabalha para engrandecer a Pátria (?) vem prejudicar um aglomerado de operários; este patriota que tem interesses materiais ligados a empresas exploradoras!

O que indigna, o que revolta, é que as cartas vindas no «Século» não trazem uma opinião definida.

Aponta-se o mal, não se aponta a solução!

Defende-se pelas os interesses das indústrias particulares, ao mesmo tempo que se procura, mais miséria, mais fome para a classe trabalhadora.

A carta do citado cavalheiro indignou toda a gente, e muito mais os cristaleiros que consideram um abuso é classificar-se presidente duma comissão operária quando nem associado quer ser!

Um operário que para tais cousas se serve, desce ao que há de mais baixo e degradante!

Marinha Grande, 10 de janeiro, JOAQUIM ALVES DE FREITAS.

### O desleixo das autoridades

#### Deviam fazer-se cumprir os decretos tendentes a beneficiar prédios

De Carlos de Araújo, da Construção Civil de Sintra, recebemos uma carta em que diz o que segue:

E' um crime de lesa-humanidade deixar ao abandono centenas de operários, quando tenham onde empregar a sua actividade, quando muito teríamos a fazer nos bairros de Lisboa e Porto, e noutros pontos da província, onde há moradias em perfeito estado imundície, casas em ruína, sem ar e sem luz, um labirinto de bécas e travessas por onde, em muitos pontos, mal pode passar uma pessoa.

Tudo teria remédio se parte das iniciativas apresentadas ao parlamento, e até nos congressos da nossa indústria sobre casas baratas, tivessem merecido maior atenção.

Que tal se não tem feito é bom não esquecer que é necessário beneficiar as propriedades existentes, para o que as Câmaras devem mandar vistoriar todos os prédios a fim de que todos os proprietários procedam às devidas limpezas e reparações, para a higiene dos prédios, em conformidade com os decretos de 24 de Dezembro de 1901, 14 de Fevereiro de 1903, sobre salubridade pública e higiene urbana e com as posturas municipais.

Todas as entidades, quer sejam as Câmaras, o governo ou os governadores civis muito podem fazer em benefício das classes pobres, que vivem, como animais, promiscuamente, nesse milhares de cubículos imundos, mandando pôr em execução os decretos citados.

Para isso era também preciso que o operariado ingressasse nos seus sindicatos, para se impôr e fazer cumprir as disposições que beneficiam a colectividade.

### Pugnando pelo descanso semanal

Os corpos directivos da Federação dos Empregados no Comércio acompanhados por representantes da direcção da Associação dos Caixaeiros de Lisboa, irão hoje entrevistar o governador civil e reclamar o cumprimento da lei do descanso semanal, regalia que está sendo desrespeitada pelo patronato.

Para o mesmo assunto irá a Federação elaborar um parecer que entregará ao ministro do Trabalho, pedindo-lhe o cumprimento da mesma lei em todo o país.

## VIDA SINDICAL

### COMUNICAÇÕES

**Sindicato U. da C. Civil.—Secção Sindical de Belem.**—Reuniu a comissão administrativa que tratou de diferentes assuntos que dizem respeito a esta secção, como seja a nomeação de mais um delegado ao Conselho Técnico da indústria, o qual ficou nomeado Alberto Dias.

—A comissão administrativa convida a comissão revisora de contas que foi nomeada na última assembleia, a vir à sede amanhã, pelas 20 e meia horas, para rever as ditas contas.

**Secção profissional dos estudantes.**—Reuniu a assembleia geral que elegeu para os corpos gerentes: Comissão administrativa, Alexandre Neiva e José Costa Dias, secretários; Eduardo de Oliveira, tesoureiro; Joaquim Santos e Justino Peres, vogais. Conselho administrativo, Joaquim Santos, Conselho técnico, António José do Lugar, Domingos Gonçalves e Vítor Reis Araújo. Conselho de secções, José Júlio dos Santos e António Francisco da Silva, Comissão de cultura e propaganda, António Manuel Martins e José Afonso Barreiros. Comité da sede, Henrique Monteiro, Assembleia geral, Albano Rocha e António Moreira.

**Manipuladores de pão.**—Reuniu esta classe em assembleia geral para nomear a comissão revisora de contas e delegados a U. S. O.; fizeram uso da palavra Manuel Gonçalves, Cândido Marques e Santos Salgueiro, ventilando diversos assuntos.

Aprovou um inérgico protesto contra as barbaridades da força pública em acutilar os operários sem trabalho, e outro contra a burguesia americana pela condenação à morte de Sacco e Vanzetti.

Foram nomeados delegados a U. S. O., Domingos Gonçalves e José Abrantes Castanheira e para a comissão revisora de contas José Abrantes Castanheira, Adelino Pinto Correia e Domingos Gonçalves. Para angariar donativos para o julgamento de Souto Maior foram nomeados Cândido Marques, Domingos Gonçalves, Manuel Pereira, António Ribeiro e Albertino Abrantes.

Convidam-se todos os camaradas que estão encarregados de fazer a cobrança a comparecer no sindicato amanhã, pelas 12 horas, para tomarem conta dos selos e das cadernelas.

**Compositores tipográficos.**—Reuniu ontem em nova direcção juntamente com a anterior para apresentação de contas, que constavam de 1 caderneta da C. G. D. na importância de 1.062\$50 e 173\$45 em dinheiro respeitante a movimentos de jornais; de 3.724\$90 de Pró-sede; de 1.416\$10 de solidariedade pró-desempregados e mais 180\$24 do cofre associativo; sobre a apresentação de contas da oficina sindical foi resolvido convidar-se Alfredo Rodrigues e Damásio Júnior a comparecerem amanhã pelas 18 e meia horas.

**Condutores de carroças.**—Reuniu a comissão administrativa que apreciou a forma como alguns dos seus componentes procedem para com este sindicato, pois que na hora presente que se atravessa não faz sentido que os mesmos não compareçam às reuniões, contribuindo assim para o desmantelamento da classe.

Neste sentido apela esta comissão para a verdadeira compreensão desses camaradas. Resolveu mais esta comissão convidar todos os condutores de carroças desempregados a vir inscreverem-se no sindicato, sócios e não sócios, para assim se resolver a sua colocação.

Convidam-se os cobradores, e especialmente aqueles que ainda não deram contas nem entregaram a cobrança do ano findo, a virem com a maior urgência a este sindicato para efeito de cobrança.

**Operários do município.**—Reuniu ontem a assembleia geral para se ocupar da questão das empreitadas, tendo feito uso da palavra muitos operários que se manifestaram contra o trabalho de empreitada e contra a Associação dos Calceteiros que o aceitou, sendo esse sistema de trabalho prejudicial para todos.

### CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

**Federação dos Empregados no Comércio.—Junta Sul.**—21 horas.

**Federação da Construção Civil.**—O Conselho Federal, pelas 20 horas, para apreciar o parecer sobre a crise de trabalho.

**Federação do Livro e do Jornal.**—O secretário, às 21 horas.

**Federação da Indústria de Calçado, Couros e Peles.**—A's 21 horas, a comissão administrativa.

**Federação Mobilizadora.—Conselho Federal.**—Conforme convocações anteriores, às 20,30 horas, para apreciar assuntos importantes, entre eles o funcionamento deste organismo.

**S. U. da Construção Civil.—Secção profissional dos pintores.**—A comissão revisora de contas, às 21 horas prefixas.

**Secção do Alto do Pina.**—Os secretários das restantes secções, às 21 horas, na sede desta secção.

**Secção de Palma.**—Pelas 21 horas, os secretários das secções sindicais, para tratar dum assunto urgente.

**Secção profissional dos carpinteiros.**—A's 20 horas, em assembleia geral, para nomeação da comissão administrativa para o ano de 1925 e comissão revisora de contas do ano p. p. e outros assuntos de interesse para a secção.

**Secção profissional dos serventes.**—Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

**S. U. Metalúrgico.**—Pelas 20,30 horas, a comissão de defesa e estudo dos electricistas.

**S. U. dos Operários Municipais.—Secção dos construtores de macadam.**—A's 20 horas, a assembleia geral, para eleger a comissão profissional.

**Marinheiros e Moços.**—Pelas 20 horas, a assembleia geral, a fim de nomear os novos corpos gerentes para o ano corrente, visto ter sido anulada a eleição ultimamente feita.

**Descarregadores de Mar e Terra.**—Pelas 20 horas, a assembleia geral, para nomeação dos restantes corpos gerentes e delegados deste sindicato e tratar de assuntos de alta importância.

**Impressores Tipográficos.**—A direcção e comissão pró-A Batalha, às 21 horas.

**Litógrafos e Anexos.**—Pelas 20 horas, a comissão administrativa juntamente com a comissão pró-bandeira.

### PARA DIAS PRÓXIMOS:

**Federação do Livro e do Jornal.**—O conselho federal, no dia 16, pelas 21 h. S. U. Metalúrgico.—Comissão administrativa.—Amanhã, juntamente com as direcções das secções.

**Encadernadores e Anexos.**—A assembleia geral, amanhã, pelas 20 horas, para eleição dos corpos gerentes para o ano de 1925, apresentação do relatório e contas da gerência de 1924 e vários assuntos.

### JUVENITUDES SINDICALISTAS

**Federação.—Comitê Federal.**—Reuniu ontem resolvendo enviar sob condições especiais dois delegados em propaganda à província, resolução que deverá ser sancionada pelo conselho central.

—Reúne amanhã, pelas 20 horas, para ultimar os trabalhos.

**Conselho Federal.**—Reúne amanhã às 21 horas.

**Núcleo de Lisboa.—Secção do Alto do Pina.**—Realiza-se hoje uma sessão pró-reorganização desta secção; às 21 horas, com a representação de delegados do Núcleo e da Federação, sendo de esperar grande concorrência.

**Secção Mista do Beato e Olivais.**—Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral desta secção.

—Convida-se a reunir, às 20 horas, a comissão de propaganda.